



***Jornalismo Científico: O Retrato da Corrida Espacial nas Páginas da  
Revista Veja - (1968-1969)<sup>1</sup>***

***Joseline PIPPI<sup>2</sup>***

***Liziane WOLFART<sup>3</sup>***

***Tamara FINARDI<sup>4</sup>***

***Fundação Universidade Federal do Pampa, São Borja, Rio Grande do Sul***

**RESUMO**

A primeira edição da revista *Veja*, publicada em setembro de 1968 trazia as marcas sócio-econômicas e de políticas da Ditadura e da Guerra Fria. A pauta girava em torno de dois grandes comandos políticos: Estados Unidos e União Soviética que, devido ao conflito instaurado acabaram desenvolvendo sobremaneira o âmbito científico-tecnológico de seus países. A presente reflexão pretende analisar como se desenvolvia o jornalismo científico da editoria de ciência da revista *Veja*, contextualizando a época e conceituando jornalismo científico. Busca-se esclarecer como a editoria retratava a corrida espacial e como o fascínio por notícias internacionais imperava no país em fins dos '60, além de também se propõe delimitar sobre o que era considerado como ciência à época. Foram analisadas as edições publicadas de 11 de setembro de 1968 a 23 de julho de 1969.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo Científico, Ciência, Revista *Veja*.

**INTRODUÇÃO**

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa (Unipampa - Campus de São Borja, RS). Mestre em Extensão Rural pela mesma UFSM (2005), sendo atualmente Doutoranda pelo mesmo Programa de Pós-Graduação (com Doutorado Sandwich pela Universidad de Sevilla, Espanha), email: [josiepippi@hotmail.com](mailto:josiepippi@hotmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da Fundação Universidade Federal do Pampa (Unipampa – Campus de São Borja), email: [lizi\\_wolfart@hotmail.com](mailto:lizi_wolfart@hotmail.com)

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da Fundação Universidade Federal do Pampa (Unipampa – Campus de São Borja), integrante Grupo de Pesquisa de História da Mídia (GPHMídia) e bolsista da Pesquisa “Quando a ciência é notícia na fronteira?”, coordenada por Joseline Pippi, email: [tamarafinardi@gmail.com](mailto:tamarafinardi@gmail.com)



A revista *Veja* é um dos periódicos mais conhecidos no Brasil. Sua primeira edição foi lançada no dia 11 de setembro de 1968, com a proposta de ser a grande revista semanal de informação de todos os brasileiros. Na Carta do Editor do primeiro exemplar da revista, o jornalista Victor Civita destaca (*VEJA*, página 21 edição 1, 11 de setembro de 1968).

O Brasil não pode mais ser o velho arquipélago separado pela distância, o espaço geográfico, a ignorância, os preconceitos e os regionalismos: precisa de informação rápida e objetiva a fim de escolher novos rumos. Precisa saber o que esta acontecendo nas fronteiras da ciência, da tecnologia e da arte no mundo inteiro. Precisa acompanhar o extraordinário desenvolvimento dos negócios, da educação, do esporte, da religião. Precisa, enfim, estar bem informado, e este é o objetivo de *Veja*.

É importante recordar que a revista que se propunha a tratar sobre os mais diversos assuntos surgiu num contexto histórico conturbado. Do fim da 2ª Guerra Mundial (1945) até o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS - (1991) o mundo todo viveu sob a pressão dos grandes blocos de poder rivais à época, dividindo o mundo entre as potências capitalistas e socialistas. Tal conflito ideológico tinha na economia suas bases e era liderado pelos Estados Unidos da América (EUA, capitalismo) e a URSS (socialismo). Nesse período, conhecido como Guerra Fria, o mundo se tornou expectador de uma corrida bélica, tecnológica e científica, além de viver sob a ameaça constante da possível eclosão da 3ª Guerra Mundial. O conflito velado impulsionou pesquisas tecnológicas, a princípio por motivos bélicos, mas depois percebeu-se a possibilidade de lucro e milhões de dólares passaram a ser investidos pesadamente no desenvolvimento de satélites e espaçonaves tripuladas. Surgiu o Programa Espacial Soviético, que compreendia o conjunto de projetos executados pelos russos em relação a exploração espacial, e a NASA (*National Aeronautics and Space Administration*), Agência Espacial Americana, fundada em 1958.

No cenário nacional, o surgimento da revista coincidiu o estabelecimento do Regime Militar, que se estendeu de 1964 a 1985. A época foi caracterizada pela censura, repressão e perseguição aos que eram contra o regime vigente, coordenado e mantido pelos militares que ascenderam ao poder no 31º dia de maio de 1964. Um dos momentos mais árdios do regime se deu três meses após o nascimento da *Veja*: a promulgação do AI-5, o quinto de uma série de decretos emitidos durante o regime militar que imporiam severo controle à imprensa brasileira. Devia-se evitar a divulgação



de notícias “tendenciosas” que pudessem incitar a população a um levante contra o regime.

Em meio a esse panorama histórico, onde os avanços tecnológicos e científicos estavam entrelaçados a pressões de ordem político-ideológicas, surge Veja com uma proposta inovadora para o jornalismo do período, noticiando acontecimentos internacionais relacionados ao conflito e contextualizando-o para o público. Das diversas editorias, destaca-se a direcionada à ciência, que mais claramente evidenciou os jogos de poder entre EUA e URSS na luta pelo controle do mundo. O cenário é profícuo para uma reflexão que identifique como a temática “ciência” foi retratada e a quais elementos a ela foram relacionados nas páginas da revista que pretendia diferenciar-se das demais devido a seu compromisso com o jornalismo e com o leitor.

### **Jornalismo Científico**

O Jornalismo Científico tem como objetivo ressignificar informações complexas de âmbito científico e relacioná-las ao contexto social para que o público possa compreendê-las (PIPPI, 2005). O jornalista que trabalha nessa área deve conhecer os saberes envolvidos nas diferentes práticas científicas e tratar o assunto de forma clara, interpretando para o leitor não apenas os significados das descobertas mas também como elas afetam sua vida (direta ou indiretamente) em seus diversos aspectos (social, político, econômico, etc). Além da tarefa de ressignificar terminologia e práticas científicas, cumpre outro papel: o de agenciador de novos conhecimentos, pois:

É o jornalismo científico, por sua vez, que agencia a relação de comunicação entre o universo científico e o público, visto que o jornalismo, enquanto agente de uma correlação linguística, usa a informação científica para interpretar o conhecimento da realidade, aproximando a ciência do grande público (PIPPI e PERUZZOLO, 2003).

Sendo assim, considera-se que o jornalismo científico atende à uma demanda social, explicando em termos simples e linguagem clara os processos inerentes às áreas científicas. O jornalista que trabalha nesse âmbito tem como meta interconectar saberes oriundos das diferentes esferas envolvidas (espaço da ciência e cotidiano do público), sendo através das notícias que o público terá acesso ao conhecimento que se produz nos centros científicos nacionais e internacionais. A partir do momento em que o cidadão



tem acesso ao mundo científico através da imprensa, é capaz de opinar sobre assuntos que envolvem ciência e tecnologia. Segundo Oliveira (2002, p. 12-13):

Ciência e Tecnologia tem conseqüências comerciais, burocráticas, e igualmente na saúde pública; não nas margens, mas no âmago desses componentes essenciais do processo político. Democracia participativa requer cultura científica do eleitorado, para que este seja capaz de apoiar, ou não, as propostas e decisões de seus representantes, e de endossar ou não sua eleição. Temos nesta exposição justificativa clara para afirmar que o acesso às informações sobre C&T é fundamental para o exercício pleno da cidadania e, portanto, para o estabelecimento de uma democracia participativa, na qual grande parte da população tenha condições de influir, com conhecimento, em decisões e ações políticas ligadas a C&T.

Para Rios *et, al* (2005), o jornalismo científico não é especializado e adota quatro critérios de noticiabilidade; atualidade, periodicidade, universalidade e relevância social. Valorizando as perguntas do *lead* “como?” e “por quê?”. Para os autores (*Id., Ibid.*, p.115):

A veiculação de informações científicas e tecnológicas pode ser classificada em relação ao público e à linguagem. A difusão pode ser voltada a um público especializado, sendo denominada disseminação. Já a difusão direcionada ao público em geral é chamada de divulgação.

Inclusão nas decisões, levar o cidadão ao debate sobre políticas públicas de financiamento das diferentes áreas científicas e tecnologias, incentivar o público a inteirar-se acerca dos debates envolvidos que afetam sua vida cotidiana e as descobertas que trarão mudanças são alguns dos objetivos da prática do jornalismo sobre ciência e tecnologia. O jornalismo científico no Brasil é muito recente e o debate sobre sua prática e funções ainda é incipiente tanto no mundo acadêmico como no mercado de trabalho, fator que nos impele a buscar no exterior (principalmente Estado Unidos) exemplos de boas práticas na área.

## **ESCOPO ANALÍTICO**

Como base para a presente reflexão foram analisadas matérias jornalísticas publicadas na editoria “ciência” da revista *Veja*, da sua primeira edição que data de 11 de setembro de 1968, até a 46ª edição, publicada no dia 23 de julho de 1969. Após serem submetidas à análise de conteúdo (BARDIN, 1979), foram destacados trechos das



matérias com o intuito de ilustrar os assuntos tratados e também elucidar como a ciência era retratada pela revista no período recortado.

Dos 46 periódicos, a editoria ciência foi tema em nove capas, sete delas tratando da exploração espacial da época. Além, em 37 números a referida editoria foi pautada pela corrida espacial, onde os Estados Unidos e a União Soviética disputavam acirradamente um “primeiro lugar”. Ou seja, o olhar do jornalismo científico brasileiro se encontrava voltado para cada satélite lançado, para cada novo plano de conquista da lua e de planetas.

Mais que curiosidade, o uso do espaço pelo homem desperta o fascínio pelo muito de desconhecido que representa para grande parte da sociedade brasileira e, por que não dizer, de sociedades cuja ciência e tecnologia – em especial tecnologias chamadas de portadoras do futuro, como é a espacial – ainda estão desassociadas do cotidiano das pessoas. Além do desconhecido, existe o forte apelo psicofilosófico configurado no espaço exterior, no cosmo, como depositário potencial das respostas que um dia possamos encontrar sobre nossa origem e nosso destino – a mais antiga das questões que intrigam o ser humano desde que adquiriu a capacidade de raciocinar: de onde viemos e para onde vamos.” (OLIVEIRA, *Id, Ibid*, p.66)

A corrida espacial foi retratada semanalmente na revista, como se os leitores estivessem folheando os capítulos da obra de Júlio Verne: “*Viagem ao Redor da Lua*”, tamanho era o destaque e a expectativa gerada, em parte pelo assunto, em parte pela narrativa sequencial. É interessante destacar que a revista tinha um indivíduo destacado especialmente para tratar do tema, o editor “especializado em assuntos do espaço”, Roberto Pereira. A editoria ciência exibia caráter ligado ao extraordinário pois algumas das edições analisadas tratavam de elementos curiosos como aparições de discos voadores e até do monstro do Lago Ness.

Mas todo esse cenário fantástico da exploração espacial, na realidade, tinha como cenário as complexas questões político-ideológicas envolvendo EUA e URSS. Mais importante que o fato de chegar à lua, por exemplo, era quem chegava primeiro. Os dois países estavam dispostos a ostentar seu poder, fosse pelo desenvolvimento de espaçonaves, fosse pela fúria dos megatons das bombas nucleares. Apesar de toda essa tensão, as matérias da editoria ciência na revista *Veja*, abordavam o assunto a partir de um uma visão romântica, que pode ser identificada na linguagem usada no trecho:



Era uma vez três homens de olhos azuis que tinham onze filhos. Era uma vez também um sábado de manha, e os três homens estavam sentados numa minúscula cabina no alto do que parecia uma grande torre cilíndrica brilhante e metálica de mais de 100 metros de altura. Vestiam estranhas roupas fofas e brancas e capacetes transparentes cobriam toda cabeça. De repente, a torre gigante começou a erguer-se lançando para o solo grandes labaredas vermelhas e azuladas. Fazia um barulho formidável, rugindo como nenhum outro veículo deste mundo e a terra tremeu ao redor, ate vários quilômetros dali. Em poucos minutos, toda imensa construção era um pequeno ponto negro que logo desapareceu no céu. E então algumas pessoas no local anunciaram: “São três homens de olhos azuis que tem onze filhos e estão indo para a Lua, passar o Natal por lá.” (VEJA, página 46, edição 15, 18 de dezembro de 1968).

O texto é produzido com linguagem simples, de forma literária, com uso de imagens e ilustrações explicativas, sem termos técnicos científicos. O leitor se envolve ao ponto de se questionar sobre o tema, sendo assim uma forma de incluí-lo nos debates da sociedade da época. A matéria demonstra a expectativa provocada pela partida dos astronautas James Lovell, Frank Borman e Wiliam Anders em direção à lua, em dezembro de 1968, apesar da missão apenas designá-los para perto do satélite. O segmento abaixo reproduz um fragmento da obra fictícia de Julio Verne, escrita em 1869, que retrata um inicio de dezembro em que três homens são lançados ao espaço (VERNE, 1971, p.103-104):

Nicoles, Barbicane e Miguel Ardan estavam definitivamente encerrados no vagão de metal. [...] - Trinta e cinco, trinta e seis, trinta e sete, trinta e oito, trinta e nove, quarenta! Fogo! No mesmo instante, Murchison, premindo o interruptor do aparelho, estabeleceu o circuito da corrente elétrica, e lançou a faísca para o fundo da columbária. Instantâneamente produziu-se terrível detonação, inaudita, sobre-humana, de que coisa alguma poderia dar ideia, nem o ribombar do trovão, nem o estampido das erupções. Das entranhas do solo, como de uma cratera, surgiu jato imenso de fogo. A terra tremeu, abriu-se e, apenas, um ou outro espectador pode por instantes entrever o projétil, que cortava vitoriosamente os ares, envolto em chamejantes vapores.

É interessante perceber as semelhanças languageiras e também as semelhanças entre os termos técnicos utilizados nos textos. A inferência quase literária da matéria veiculada na revista foi utilizada como maneira de tornar o assunto próximo do leitor, a ele conhecido. Dado o fato de que uma viagem para fora do planeta, à época, era considerado quase impossível, para fazer sentido para o leitor, o repórter recorreu ao uso de um tom quase ficcional no seu relato jornalístico. O fato do assunto ser publicado de forma sequencial também é um indício do modo como a revista intencionada ser compreendida pelos leitores: como um folhetim – embora seu princípio fosse informar sobre a corrida espacial. Em meio a tantos termos técnicos e novidades científicas e



avanços tecnológicos, a opção pelo texto literário faz-se compreender como uma relação (real) com algo que até o momento parecia ser impossível de ser realizado (chegada à lua). Considera-se o modo narrativo utilizado por Veja como uma forma de fazer sentido para o leitor a partir de um texto claro, simples e que simula uma história contada. O fator que garante a realidade do acontecido é estar numa revista jornalística.

As edições de número 45 e 46 da revista, veiculadas em julho de 1969, se diferenciam das demais lançadas até então. A revista toda aborda praticamente um tema: a façanha do americano Neil Armstrong colocando seus pés no solo lunar. A única parte destas edições que não trata deste assunto é uma seção intitulada “A Semana na Terra”.

Durante o período da Guerra Fria muito se investiu em pesquisas, impulsionando o interesse pela ciência. “No ano 2000, os moços que estão agora prestando vestibulares em faculdades científicas e técnicas terão cinquenta anos. Deles será a glórias, possivelmente o poder” (VEJA, nº22, 05/02/1969 p.41). Mas vale lembrar que na época a ciência era vista a partir de uma ótica positivista, onde o cientista era quem inventava, produzia o fantástico; o detentor de quase a totalidade do saber. Diante de todo esse fervor científico muitas vezes uma questão pairava no ar: até onde o ser humano seria capaz de chegar? “Se o homem for capaz de criar um computador que o supere em inteligência, é claro que esse computador será capaz de criar um computador ainda mais inteligente” (VEJA, Edição 17, 01/01/1969, p.32). Na edição 17 da revista, o cientista britânico Arthur C. Clark demonstrou uma tabela intitulada “O mapa de descobrimentos do Futuro” (VEJA, Edição 17, 01/01/1969, p.34), onde aponta que no século XXI os encontros com extraterrestres serão comuns e que o homem já teria descoberto a Imortalidade.

No Brasil o interesse pela ciência também crescia. Apesar disso a revista Veja mostrou interesse maior em relação ao panorama científico internacional. A principal barreira que dificultou o desenvolvimento dessa área do jornalismo no Brasil foi a Ditadura Militar, onde ciência e tecnologia eram considerados prioridade de segurança do Estado, e não havia divulgação dos estudos realizados. A maior parte das instituições brasileiras de ciência da época eram ligadas ao governo, portanto mesmo se houvesse interesse por parte da imprensa, havia grande dificuldade em obter informações. Optava-se então pelo noticiário internacional para que não se perdesse totalmente a cultura científica, escolha que a revista Veja fez explorando a questão espacial que fascinava o ser humano ao mesmo tempo que provocava medo.



## CONCLUSÃO

Através da análise foi possível constatar que a editoria ciência da revista *Veja*, no que compreende o período de setembro de 1968 a julho de 1969, foi pautada principalmente pelas conquistas espaciais, assunto em alta na época. Os principais fatores que desencadeavam essa situação eram o desenvolvimento de ciência e tecnologia por parte dos americanos e soviéticos; e o controle da imprensa por parte da Ditadura militar no Brasil.

Na época a ciência era vista principalmente a partir da perspectiva positivista, ligada ao empirismo, a arte de inventar e comprovar o fantástico. Por isso as páginas do tema ciência continham previsões que nem sempre eram verídicas. A aposta da editoria se centrava no novo e no extraordinário, atribuindo-lhe uma aura romântica através do uso da narrativa em tom literário.

Nos primórdios de *Veja*, a ciência era vista desde sua relação com o fantástico e com a literatura. O sensacionalismo das descobertas e os “grandes passos” da humanidade em termos de avanços científico-tecnológicos chegavam até o público envoltos no mistério da imaginação, à qual os repórteres recorriam no intuito de tornar o assunto compreensível. Ademais, é interessante notar que o valor-notícia (TRAQUINA, 2005) mais percebido na editoria ciência era a novidade – esta relacionada com o “espetáculo da descoberta”- forma de tratamento com o qual o assunto é retratado até hoje na imprensa nacional.

Atualmente, como o jornalismo científico brasileiro se caracteriza? Quais os principais conceitos que o embasam? O mundo científico encontra-se em fase de abertura para a imprensa. O diálogo maior entre jornalistas e cientistas no Brasil é um processo muito recente, que teve grande resistência dos cientistas em divulgar suas descobertas e também resistência da imprensa em abordar outros vieses além da “sensacional descoberta”. Períodos como a ditadura deixaram de herança para ciência a desconfiança de repassar o conhecimento obtido para o grande público. Os diferentes significados (implícitos e explícitos) do termo “ciência” estão se difundindo de maneira ampla; o público quer saber mais a respeito e a imprensa deve atender à demanda; por outro lado, os cientistas também perceberam que é importante divulgar suas pesquisas.

Informar sobre ciência e tecnologia é contribuir para a manutenção da democracia e também empoderar os indivíduos em termos de conhecimento e compartilhamento de saberes – um dos nichos de importância fundamental para o





jornalismo científico. Diante dessa situação, como o jornalista que trabalha com ciência deve trabalhar? Sem dúvida esse é um dos grandes desafios da atualidade na área do jornalismo.

## REFERÊNCIAS

LIMA, Luiz Carlos. **Jornalismo Científico análise da superinteressante e suas tendências.** In: Revista Temática.UFPB NAMID, 2008. Disponível em [insite.pro.br](http://insite.pro.br)

MONTEIRO, Maria da Graça Miranda de França.**O cientista, a imprensa e a comunicação publica da ciência.** In: UNIrevista.Vol. 1 nº 3. Unisinos, 2006. Disponível em <http://www.unirevista.unisinos.br>

OLIVEIRA, Fabiola de. **Jornalismo Científico.** São Paulo: 3ª Ed. 2010.Contexto, 2005.

PIPPI, Joseline e PERUZZOLO, Adair Caetano. **Mídia impressa: jornalismo científico interdiscursividade na popularização da ciência.** In: SILVEIRA, Ada Cristina Machadoda (org). *Divulgação científica e tecnologias de informação e comunicação.* Santa Maria: Facos, 2003.

PIPPI, Joseline. **Ciência, tecnologia e inovação: interdiscursividade jornalística, reformulação discursiva e heterogeneidades.** 2005. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2005.

RIOS, Aline de Oliveira. MACHADO, Ana Caroline. KNOLL, Flaiane Cristine. OLIVEIRA, Márcio de. PORTES, Marlene Valsko. SILVA, Tiago Cruz Ferreira da. **Jornalismo Científico: O compromisso de Divulgar Ciência à Sociedade.** A Comunicação entre jornalistas e pesquisadores e a responsabilidade social na disseminação de informações científicas. Ponta Grossa, (2005)

VEJA. São Paulo, Vol. 1. nº 1.Editora Abril 1968.

VEJA. São Paulo, Vol. 2. nº 2 Editora Abril 1968.

VEJA. São Paulo, Vol. 3. nº 3 Editora Abril 1968.

VEJA. São Paulo, Vol. 4.nº 4 Editora Abril 1968.

VEJA. São Paulo, Vol. 5. nº 5 Editora Abril 1968.

VEJA. São Paulo, Vol. 6. nº 6 Editora Abril 1968.

VEJA. São Paulo, Vol. 7. nº 7 Editora Abril 1968.

VEJA. São Paulo, Vol. 8. nº 8 Editora Abril 1968.

VEJA. São Paulo, Vol. 9. nº 9 Editora Abril 1968.



VEJA. São Paulo, Vol. 10. nº 10 Editora Abril 1968.

VEJA. São Paulo, Vol. 11. nº 11 Editora Abril 1968.

VEJA. São Paulo, Vol. 12. nº 12 Editora Abril 1968.

VEJA. São Paulo, Vol. 13. nº 13 Editora Abril 1968.

VEJA. São Paulo, Vol. 14. nº 14 Editora Abril 1968.

VEJA. São Paulo, Vol. 15. nº 15 Editora Abril 1968.

VEJA. São Paulo, Vol. 16. nº 16 Editora Abril 1968.

VEJA. São Paulo, Vol. 17. nº 17 Editora Abril 1969.

VEJA. São Paulo, Vol. 18. nº 18 Editora Abril 1969.

VEJA. São Paulo, Vol. 19. nº 19 Editora Abril 1969.

VEJA. São Paulo, Vol. 20. nº 20 Editora Abril 1969.

VEJA. São Paulo, Vol. 21. nº 21 Editora Abril 1969.

VEJA. São Paulo, Vol. 22. nº 22 Editora Abril 1969.

VEJA. São Paulo, Vol. 23. nº 23 Editora Abril 1969.

VEJA. São Paulo, Vol. 24. nº 24 Editora Abril 1969.

VEJA. São Paulo, Vol. 25. nº 25 Editora Abril 1969.

VEJA. São Paulo, Vol. 26. nº 26 Editora Abril 1969.

VEJA. São Paulo, Vol. 27. nº 27 Editora Abril 1969.

VEJA. São Paulo, Vol. 28. nº 28 Editora Abril 1969.

VEJA. São Paulo, Vol. 29. nº 29 Editora Abril 1969.

VEJA. São Paulo, Vol. 30. nº 30 Editora Abril 1969.

VEJA. São Paulo, Vol. 31. nº 31 Editora Abril 1969.

VEJA. São Paulo, Vol. 32. nº 32 Editora Abril 1969.



VEJA. São Paulo, Vol. 33. nº 33 Editora Abril 1969.

VEJA. São Paulo, Vol. 34. nº 34 Editora Abril 1969.

VEJA. São Paulo, Vol. 35. nº 35 Editora Abril 1969.

VEJA. São Paulo, Vol. 36. nº 36 Editora Abril 1969.

VEJA. São Paulo, Vol. 37. nº 37 Editora Abril 1969.

VEJA. São Paulo, Vol. 38. nº 38 Editora Abril 1969.

VEJA. São Paulo, Vol. 39. nº 39 Editora Abril 1969.

VEJA. São Paulo, Vol. 40. nº 40 Editora Abril 1969.

VEJA. São Paulo, Vol. 41. nº 41 Editora Abril 1969.

VEJA. São Paulo, Vol. 42. nº 42 Editora Abril 1969.

VEJA. São Paulo, Vol. 43. nº 43 Editora Abril 1969.

VEJA. São Paulo, Vol. 44. nº 44 Editora Abril 1969.

VEJA. São Paulo, Vol. 45. nº 45 Editora Abril 1969.

VEJA. São Paulo, Vol. 46. nº 46 Editora Abril 1969.

VERNE, Júlio. **De la Terre à lune.** França 1865. (tr. it. Vieira Neto. **Viagem ao redor da lua.** São Paulo. Hemus, 1971.)